

ÍNTIMA LIBERDADE
[PROPINQUA LIBERTAS]

—

LUCE FABBRI
[seleção e organização de Gianpiero Landi]
[tradução de Jr. Bellé]

Originalmente publicado por **BFS edizioni**
Circolo Culturale Biblioteca Franco Serantini
Pisa – Itália

—

—

Tradução Italiano e Espanhol: Ana Fiallo Caballero e Furio Lippi
Seleção e Organização: Gianpiero Landi

—

—

PDF da edição original em italiano e espanhol no repositório Anarkio.net
Edição original no site da BFS

—

—

Tradução para o português: Jr. Bellé

Luce Fabbri nasceu em Roma em 25 de julho de 1908. Filha do militante e intelectual anarquista Luigi Fabbri, recebe desde a infância em família uma educação marcada pelas ideias de solidariedade e liberdade. Em 1928, poucos depois de ter conseguido a graduação em Letras na Universidade de Bolonha, com uma tese sobre Élisée Reclus, foge clandestinamente para se juntar a seu pai na França, um exilado antifascista.

A partir de 1929, se estabelece com os pais no Uruguai, onde permanecerá pelo resto da vida. Docente de História na escola média superior e então – por outros quarenta anos – de Literatura Italiana na Universidade de Montevidéu, depois da morte do pai fica a frente da revista “Studi Sociali” de 1935 até 1946.

Aos 24 anos publica o volume poético “I canti dell’attesa” (Montevidéu, 1932 – ainda sem tradução para o português). Segue-se, então, inúmeros livros de argumento político, entre eles: “Gli anarchici e la rivoluzione spagnola” (com Diego Abad de Sabtillan); “Ginevra 1938”; “La libertà nelle crisi rivoluzionarie” (Montevidéu, 1947); “L’anticomunismo, l’antiimperialismo e la pace” (Montevidéu, 1949); “La strata” (Montevidéu, 1952); “Sotto la minaccia totalitaria. Democrazia liberalismo socialismo anarchismo” (Nápoles, 1955); “Problemi d’oggi” (Nápoles, 1958); “Una strata concreta verso l’utopia. Itinerario anarchico di fine millennio” (Pescara, 1998); “Tra le opere in língua spagnola: Camisas Negras (Buenos Aires, 1935); “El totalitarismo entre las dos guerras” (Rosário, 1948); “La libertad entre la historia y la utopia” (Rosário, 1962); “El fascismo. Definición e historia (Montevidéu, 1963); “El anarquismo: mas allá de la democracia” (Buenos Aires, 1983).

Assume a direção e a redação do jornal “Rivoluzione Libertaria” (1938), “Socialismo y Libertad” (1943-1944), “Opción Libertaria” (Órgão do GEAL – Grupo de Estudos e Ação Libertária, Montevidéu, a partir de 1986). Colabora com jornais e revistas de vários países, em particular com “Volontà”, “Cénit”, “Garibaldi”, “A rivista anarchica”. Publica outra volumosa seção de argumentos literários após o estudo de Dante, Machiavel, Foscolo e Leopardi. Merecem destaque o volume “La poesia di Leopardi” (Montevidéu, 1971), e “L’introduzione e le note alla edizione – da lei curata – in língua spagnola (com texto originale a fronte) del Principe di Machiavelli (Montevidéu, 1993).

Em 1993, pela casa editorial Biblioteca Franco Serantini di Pisa, publica o volume “Luigi Fabbri. Storia di un uomo libero”, comovente reconstrução do percurso político e humano de seu pai. Morre em Montevidéu em 9 de agosto de 2000.

Fortem facit vicina libertas senem

Seneca

**Até um homem velho se torna corajoso
com o chegar da liberdade**

Sêneca

A Luisella

Quando você ainda não existia e eu preparava
para ti, que se anunciava, o ninho e o mundo,
veio ao cais o navio de Montale
(trazia liberdade para poucos eleitos)
e quase subi,
mas havia a flor de açafão e você vinha.

Te entrevi de novo na bruma
da noite do Rio agigantar-se;
mas retornei rasgando o carnaval:
olhei se você estava do outro lado.

Hoje acho que não sei nadar.
Assovia para mim a antiga locomotiva
na névoa crescente;
mas sobre o Limay há luz e você está.
(Você é você e é quem te deu para mim,
é o porvir e é quem jaz
desde os quinze anos e está sempre comigo).

Última solidão

Manchas de mofo, muro descascado,
por lá, o deserto. Onde está o jardim?
Onde ficou o canto, onde está o sangue
vermelho das feridas gloriosas?
Traíram todos os Paladinos?
Onde está o tambor e onde está o amor?
E os jogos, e as crianças e o puro aguaceiro?
E aquele silêncio inchado de palavras?
Agora o silêncio está sujo e a água parada
e todos os olhos e os fogos estão apagados.
Na névoa se perdem meus mortos.
Olho fixa a névoa que me toma.

Tânatos

Saiu pela esquerda, erguida, dentre os arbustos
Tânatos. Disse: “Não me reconhece?
Sou a irmã – bela – do Amor.”
Nasceu do negro.
Entre nós não a feriu excessiva luz.
Lhe perguntamos ofegantes:
“Esta tua mão, onde nos conduz?”
“Onde termina, onde silencia o Amor”.

Apocalipse

Vem o dia da ira.
Vem o inferno, engole os inocentes.
O bruxo aprendiz,
depois de libertar todos os ventos,
pressiona rindo o último botão.
As montanhas da escória
se derretem em fusão.
É o fim da história.
Os oceanos fedorentos
afogam o búfalo de Altamira.

O dilúvio

A água cresce, se empoça, devora o pasto
e depois a casa e ataca a colina.

Treme o cipreste de asas refugiadas.

É negra e densa a água e sua enchente
cresce e ameaça. Restam poucas horas
para este sol trêmulo, isolado,
para nós que o bebemos, para a fina
cadeia que nos une à esperada
manhã, que, agora vejo, não virá.

Natureza quase morta

Debaixo da folha enrugada o besouro
mexe suas patinhas de cabeça para baixo.

Está vivo e desesperado
e ouve ao redor a ameaça:

espera ali o sapato que o esmaga.

Toda a vida nessa frágil confusão,
toda a morte nessa folha amarela,
que o sol aquece em vão.

As rãs fazem coro ao longe.

Passa impassível no ar a borboleta.

A cerca

Nos traz a vontade como um destino,
não rumo ao sono da fera no covil,
mas à insone caverna de Leonardo.
Só se conhece bem o que se cria.
Cria a giesta a flor e o perfume.
Resistirão ao fluxo da lava?

Estamos fazendo uma casa para as pessoas
no cruzamento de todas as estradas.
Nenhum de nós queria fazer a cerca.
Mas a fizemos toda de giesta
contra a onda negra e pestilenta
que nos traz o refluxo de Hiroshima.

As palavras

Queria brincar com o vento dizendo palavras
jogá-las fora
como bolas, para que eu as rebata
e descubra nelas minha mensagem.

Queria estender a mão que trabalha,
pela janela de minha cela,
para estreitar mãos, para acariciar cabelos,
para pedir e oferecer um pouco de amor.

Mas a sombra come todas as palavras
que saem de casa antes da aurora.

Releitura leopardiana

A terra, o alto céu, o nada no meio.
Onde está o homem?
O pastor caminha, mas não sabe
que violaram a lua
e encheram o nada de satélites.

Onde está o homem?
O pastor caminha, mas seu rebanho
vaga disperso
e as fontes estão envenenadas;
a erva seca.
Mas perfuma o deserto uma giesta
que recolhe o desafio do futuro.

Surdez crescente

Faz calar as coisas
o fragor remoto do tempo.
É remoto, mas cresce
a medida que cresce o passado.

A cigarra está muito zelosa.
Faz cri-cri sobre a voz suave
do amor, sobre o grito
solidário da grande dor.
E eleva lentamente,
pedreiro obstinado,
a sua parede opaca e sem cor.

As palavras novas

Cada palavra encontra a sua carne.
Eu queria procurar na selva
do mundo as palavras transparentes,
palavras de ar,
para ler, para escrever, para dizer,
para projetar no escuro da tela,
mas que não pesem
e que não lancem sombra sobre a estrada.

Estas palavras, amigos, não existem,
mas há no caos alguma coisa que as procura,
alguma coisa que tem a potência de criá-las.
E então cantarei com aquelas, ao fim,
cantarei ao fim um canto de vitória.

Insônia

para Olga

Estou buscando o sonho
e encontro as quimeras
dispersas na negra geografia.

Te chamo, minha pequena,
mas você vai embora,
separando teus sonhos dos meus.

Eu sei onde te encontrar:
eu adubo, você semente
para a fome do mundo. A matilha
ladra nos dois caminhos.
Mas há mãos estendidas.
Não importa se no final
a que te encontre não seja a minha.

Só quero estar perto dos teus pés
para engolir os charcos
ocultos na luz do grande verão.

Patagônia

para Andrea

No deserto ao fundo do meu exílio,
ao cabo dos anos,
depois de muito mar,
guardei o tesouro.
Não sei se ali termina meu caminho.
Sei que deixei meu fruto mais remoto
onde minha voz não chega e meu radar
é cego, onde antigamente
alguém abriu seus braços
e sozinha, sozinha, sozinha,
na beira parei para olhar.
Sei que é um fruto cheio de sementes.
Respeito seu mistério,
sua energia silenciosa, a singela
segurança da sua existência severa,
sua imaturidade onde o futuro está
forte como um passado.
Sei que resistirá
que sua presença afugentará os lobos:
é minha esperança, dentro deste amor
de tudo e todos, desesperançado.

Patagônia (Variação italiana)

O deserto acolhedor na beira do rio
ficou um tempo nos livros;
ao anoitecer o via no teto,
pelo reflexo tênue da rua:
era o jaguar e o puma
e lá sobre o monte, negro contra o céu,
Búfalo Bill chamado Martin Fierro.

Logo fugiram os pumas e encontrei
aquele deserto no fundo do exílio,
depois de muitos anos e muito mar, quando
o exílio desmemoriado já era pátria.

O rio ganhou um nome, é Limay.
Na beira tenho uma torre de esperança
de onde enxergo longe. O mundo é escuro,
o mundo é frio e o tempo é muito pouco.
Mas ali há um pouco de fogo.
Estendo duas mãos e não tenho mais medo.

Liberdade

Cada hora do inverno que se aproxima
traz um presente.

As veias o recebem,
entra com o sol do meio-dia
que apenas nos aquece
e também vem com os novos frios,
com a chuva já gelada
que cai pesada, cheia de experiência,
e lava até os ossos
aclarando as faces
e fazendo estalar a liberdade.

Já não temo o sorriso das pessoas,
nem me envergonha a palavra amor.
Eu chamava de solidariedade,
porque amor é uma palavra que se cansa
caso a pronuncie duas vezes, e se esconde.

Mas eu não escondo nada.

Agora digo o que vejo nos olhos
da pequena Mônica descalça:
socialismo é amor e liberdade.

Demócrito para Chernobyl

Mergulhou nas coisas até chegar
à impenetráveis portas.
Caíram sobre ti séculos inertes
e encheram de tempo os alvéolos
que criam microscópios. Você ficou
guardiã alerta na profundidade.
Nenhum de nós te amava,
nem te odiava. As letras do teu nome,
um esqueleto fóssil nas vias
da memória,
um arabesco fútil e elegante
nos textos da história,
tinham som de segurança.
Velho, você não sabia, ninguém sabia:
atrás da porta invisível estão os monstros,
pior: está a Morte,
num abismo sem fundo.
Não desça ao abismo você: está morto.
Ontem te assassinaram quando Adão
pulverizou teu átomo com a fome
de maçãs; agora tem saudade
dessa tua antiga elegância helênica,
dessa fossilizada honestidade.

Poesia e poesia

para C.

Está caçando ecos de violinos,
clarões de cores no sol.
Faz tua casa de tijolos de ar,
sem argamassa.
Te rodeia um baile de golfinhos,
arcos fugidios na espuma azul.
Mas a linha, a cor, o movimento,
não flutuam, como deseja, no vento,
pois a palavra é carne e emana sangue,
como antes em Bolsena,
se você a empunha apenas com a pluma.
Não percebe que o tijolo pesa?
Tem todos os pobres na tua mesa.
Quer dar a eles teus ecos de violinos,
à luz dos teus espelhos bem lustrados?
Pouco, para sua fome
velha, de mendigos de infinito.

Ainda um pouco

Rumor de voos na soleira escura.

Ainda um pouco; ainda devo pensar
em como posso medir o nada;
ainda devo aprender
a esquadrinhar o fundo do silêncio,
a caminhar na escuridão.

Não estou preparada: me dê tempo
antes de entrar.

Não preciso
que ninguém me empurre: só devo
me acostumar a um sono sem sonho,
ao vazio opaco da eternidade.

A última parede

Uma velha está sentada vacilante
sobre a última parede e não se mexe.
Há névoa atrás e na névoa está dissolvida
a morte: todos os vivos olham adiante.

A velha sabe. A casa está lá atrás,
a casa com o fogo, o pão e o sal
para todos. Mas os quartos, as escadas,
a cozinha desmoronam. O vidro

das janelas está cego, porque o vento
cobriu-o com a terra do deserto.
Deus, o que fizemos! Era a casa,
nossa casa e a entregamos ao monstro.

É o nosso ódio que envenena os poços:
não saciaram nunca mais nossa sede.
A velha olha o vazio.
Está sentada sobre a última parede.

A espera

Quero entrar sozinha e sem baixar as pálpebras,
dominando o terror e as trevas;
quero esperar paciente que se abra
a muda porta sobre a grande névoa.
Não devo bater, nem dar a volta;
apenas esperar. Irei sem meu cajado,
deixando o ninho cálido do tempo,
onde me basta o braço como medida
e ao longo do muro me acompanha,
filha e mãe e eu mesma, a palavra.
Quando a porta feche sem ruído
atrás de mim, se apagará a dança
de amores, ódios, coisas no sol.
Todas as horas cairão adormecidas.
Se acabarão a espera e a esperança.
Minha pequena, te deixo meu farol
para iluminar recantos esquecidos.
Ainda que não olhe, servirá
para aclarar a noite de algum peregrino
que bata na tua porta, atrasado.

A menina

Já faz tanto que um dia
me arrancaram de repente teu sorriso:
daquela chaga aberta emana sangue
que me encharca por dentro
e sobe num cego impulso até a garganta.
Mas quando mordo o tempo rumo ao nada,
a menina que esqueceu
vem e me olha:
meu estame continua preso ao teu olhar
e a esta tênue ilusão de poesia.

Carta a Daniel B.

(em resposta aos seus poemas sombrios)

Eu queria, meu filho, como queria!
inundar com tua luz teu caos noturno,
enchê-lo dessa música que você tem,
que se vê no teu sorriso e você não escuta.
Oh, se eu pudesse penetrar tua bruma,
levaria até ela a multidão
dessas crianças que choram e que pedem
não sonhos, mas a mão
de seu irmão mais velho que as ajude
a sair do pântano.

Não sou poeta – acho –; sou velha choca
destinada a cuidar de pintinhos de águia
que amanhã voarão até as alturas,
sem distingui-los bem
entre os que num belo dia,
sem encontrar suas asas,
serenamente se colocarão em marcha
a fecundar a terra com seu suor.

No céu e na terra está o futuro,
o futuro próximo,
aquele onde morrerei.

Faça-o luminoso, você e os outros,
não deixe que eu morra nas trevas
oculta debaixo do horizonte.

Para minha pequena

Você não sabe que voltou,
que tua mão ao passar
sarou a ferida,
como Jesus fazia
- dizem -, como fez
você mesma (não se lembra)
quando a morte passou.
(Na tua mão pequena
voltei a beber a vida).
Minha hora se aproxima.
Obrigado, por essa paz,
por não deixar que eu parta
com essa torturante
dívida desconhecida.

VELHÍSSIMOS VERSOS DE AMOR (1933-1934)

O ENCONTRO EM POCITOS

Vai o ônibus, resmunga e trabalha,
vai até o azul que lá embaixo está.
A rua vai depressa debaixo das rodas,
e ali, no fim da rua está você.

- 11-2-1934

BRINCADEIRA CARINHOSA A ERMES, O PEDREIRO QUE AMO

Peguei a pena
na mão
por ti,
a minha pena boa,
que canta, que soa,
mas só comigo.

Se abre a porta,
se ouve uma voz,
na brisa já morta
o canto não está.

Peguei a pena,
a pena veloz,
na mão
por ti.

Chega distante
o encanto tecido
de tênues palavras,
de fios de sol;
te envolve de si.

Essa sombra que roça,
passando, as coisas,
esse sopro que agora
barra tuas mãos,
as mãos calejadas
que amo, o que é?

Não conhece tua cara
serena nas ondas
de sol, que o véu
que vê no céu
foi bordado
longe
por mim.

No alto, no raio
que queima, trabalha.
Te cresce nas horas
a casa que faz.
E enquanto isso a mão
que ama, a pena
veloz,
a voz
que sabe
confiam ao sol,
que é bom, se quiser,
uma doce mensagem
de amor
por ti.

- 12-11-1933

